



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE SERVIÇO SOCIAL

Emilaine Thiala de Paiva Silva

**UMA ANÁLISE ACERCA DA CRESCENTE INSERÇÃO DE HOMENS NO CURSO
DE SERVIÇO SOCIAL DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**

Campina Grande
2011

Emilaine Thiala de Paiva Silva

**UMA ANÁLISE ACERCA DA CRESCENTE INSERÇÃO DE HOMENS NO CURSO
DE SERVIÇO SOCIAL DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Serviço Social da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Bacharela em Serviço Social.

Orientadora: Profa. Ma. Adriana Freire Pereira Férriz

Campina Grande
2011

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Setorial Luiza Erundina (Serviço Social)– UEPB

S586a

Silva, Emilaine Thiala de Paiva.

Uma análise acerca da crescente inserção de homens no curso de serviço social da Universidade Estadual da Paraíba [manuscrito] / Emilaine Thiala de Paiva Silva. – 2011.

29 f. : il.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2011.

“Orientação: Profa. Ma. Adriana Freire Pereira Férriz, Departamento de Serviço Social”.

1. Serviço Social. 2. Gênero. 3. Masculinidade. I. Título.

21. ed. CDD 361

Emilaine Thiala de Paiva Silva

**UMA ANÁLISE ACERCA DA CRESCENTE INSERÇÃO DE HOMENS NO CURSO
DE SERVIÇO SOCIAL DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Departamento de Serviço Social da
Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento à exigência para obtenção do
grau de Bacharela em Serviço Social.

Aprovado em 07 / 12 / 11

BANCA EXAMINADORA

Adriana Freire Pereira Ferriz

Profª. Ma. Adriana Freire Pereira Ferriz - UEPB
Orientadora

Jussara Carneiro Costa

Profª. Ma. Jussara Carneiro Costa - UEPB
Examinadora

William Almeida de Lacerda

Prof. Me. William Almeida de Lacerda - UEPB
Examinador

AGRADECIMENTOS

Chegar até aqui não foi fácil. Muitos foram os obstáculos por mim enfrentados e muitas foram as pessoas que me ajudaram a realizar esse sonho. Portanto, expresso meu eterno agradecimento aqueles que contribuíram para que eu pudesse conquistar essa vitória.

Ao meu grande e amado Deus, que me deu o dom da vida e que jamais me desamparou durante a minha longa caminhada.

À minha família, maior presente de Deus. À minha querida mãe Maria José, pelo incentivo e por estar comigo em todos os momentos que eu precisei, fazendo o possível para que eu pudesse estar aqui. Ao meu pai Antônio Lourenço, pelo companheirismo de todas as horas. Aos meus irmãos Thiago e Vitória, pelo afeto, a mim, dedicado. À minha sobrinha Evellyn, por ser a alegria da minha vida.

Às minhas tias Clélia e Zezé, por acreditarem no meu potencial. Às minhas primas Laércia e Larissa pela atenção e carinho que sempre me deram. À minha cunhada Rosemary, pela ajuda constante nos momentos difíceis.

Ao meu namorado David, pela compreensão e cumplicidade de sempre.

Ao meu colega de sala, José Carlos, pela companhia e amizade. Aos demais colegas, por compartilharem comigo momentos únicos da minha formação.

À minha orientadora Adriana Freire, pelo trabalho que construímos juntas. Obrigada por me fazer acreditar que eu seria capaz.

A todos os meus amigos e amigas, em especial, meus colegas de apartamento, Enedina, Nélio e Nicácio, por compartilharem comigo momentos de dúvidas, medos, incertezas e também de felicidades, durante os cinco anos de curso.

A todos, que direta ou indiretamente contribuíram para que esse grande sonho, hoje, pudesse se concretizar.

SUMÁRIO

RESUMO	5
1 INTRODUÇÃO	6
2 GÊNESE DO SERVIÇO SOCIAL: ANTECEDENTES HISTÓRICOS	7
2.1 AS TESES SOBRE A GÊNESE DO SERVIÇO SOCIAL	9
2.2 A PREVALÊNCIA DE MULHERES NOS CURSOS DE SERVIÇO SOCIAL NO BRASIL	11
3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A CATEGORIA GÊNERO	15
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO DA PESQUISA	18
4.1 PERFIL DOS SUJEITOS DA PESQUISA.....	19
4.2 MOTIVOS DA CRESCENTE INSERÇÃO DE HOMENS NO CURSO DE SERVIÇO SOCIAL DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA	22
4.3 DISCRIMINAÇÕES E PRECONCEITOS: SERVIÇO SOCIAL É CURSO PARA HOMENS?	23
4.4 A FORMAÇÃO PROFISSIONAL: DIFICULDADES E AVANÇOS	25
4.5 PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS	26
5 APROXIMAÇÕES CONCLUSIVAS	27
REFERÊNCIAS	28

UMA ANÁLISE ACERCA DA CRESCENTE INSERÇÃO DE HOMENS NO CURSO DE SERVIÇO SOCIAL DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

Emilaine Thiala de Paiva Silva

RESUMO

O artigo apresenta os resultados da pesquisa qualitativa realizada junto aos alunos do curso de Serviço Social da Universidade Estadual da Paraíba. Os objetivos que guiaram a nossa investigação foram: analisar a crescente inserção de homens no curso de Serviço Social da Universidade Estadual da Paraíba, bem como, traçar o perfil e identificar os motivos que despertaram o interesse destes a prestarem vestibular para o referido curso. A motivação para tal estudo se deu a partir da percepção de uma crescente inserção de homens no curso, nos últimos anos, acentuando-se o interesse através de leituras sobre gênero e Serviço Social no componente curricular assim intitulado. O universo da pesquisa contemplou um total de vinte homens matriculados no curso de Serviço Social da Universidade Estadual da Paraíba, no ano letivo de 2011, e se concretizou através de formulários aplicados com os mesmos. Assim, os resultados da nossa pesquisa nos mostraram o perfil peculiar dos alunos, compreendido aqui como jovens com grande interesse na área de Serviço Social, motivados pela ampliação dos postos de trabalho do assistente social, devido à implementação de novos programas sociais, principalmente, no âmbito da assistência social.

Palavras-Chave: Serviço Social. Gênero. Masculinidade.

ABSTRACT

This article presents the result of a qualitative research aimed to trace the primary profile of the men who are studying Social Work in State University of Paraíba and identify the reasons that sparked the interest of the entrance exams for that course. The motivation for this study took place from the perception of an increasing participation of men in the course in recent years, widening the interest through readings on gender and Social Work in a curriculum component that title. The research looked at a total of twenty men enrolled in Social Service State University of Paraíba, in academic year 2011, and was achieved through forms applied to them. Thus, the results of our research showed us the peculiar profile of the students, understood here as young men with great interest in the field of Social Work, motivated by the great employment opportunities that the profession covers this subject more relevant to college students. Unveiled to the survey, we believe we are contributing new knowledge about the theme.

Keywords: Social Service. Genre. Masculinity.

1 INTRODUÇÃO

O curso de Serviço Social encontra-se, hoje, entre as profissões mais femininas do Brasil. Esse fato está relacionado à sua origem ligada ao pensamento conservador da Igreja Católica, que intitulou o Serviço Social como uma tarefa a ser executada por mulheres. Assim, o Serviço Social transformou-se numa profissão feminina, e, durante décadas esse pensamento prevaleceu.

No entanto, o que temos observado, nos últimos anos, é uma crescente procura de homens pelo curso de Serviço Social. Na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), a presença de homens no curso de Serviço Social inexistia até o ano de 1979, quando foi identificado o primeiro homem, e, deste ano até 2000, a inserção de homens nesse curso se deu de forma muito lenta. A década de 2000 marcou, significativamente, a inserção de homens no curso de Serviço Social da UEPB (FÉRRIZ; NASCIMENTO; RODRIGUES, 2011).

Diante disso, e a partir de estudos de gênero no processo de formação acadêmica, se deu a motivação para pesquisar sobre esse novo fenômeno presente na universidade. Vale ressaltar que a temática ora abordada possui grande relevância acadêmica, entendendo o fato como um fenômeno atual, ainda muito pouco explorado. Acreditamos assim, estar contribuindo não apenas com os alunos de Serviço Social, mas com os docentes da instituição e a sociedade em geral, trazendo novos conhecimentos que possibilitarão esclarecimentos acerca da profissão, podendo assim, ajudar a desmistificar a visão do Serviço Social como profissão feminina.

Este artigo, portanto, apresenta uma análise a partir da crescente inserção de homens no curso de Serviço Social da UEPB. Para tanto, nos propomos a traçar o perfil dos homens que cursam Serviço Social na referida instituição, conhecendo suas percepções sobre o curso, aspirações profissionais e aspectos positivos e negativos encontrados por eles dentro da formação acadêmica. Buscamos também, identificar os motivos que têm levado esses homens a optarem pelo curso de Serviço Social.

O trabalho de campo foi realizado no próprio curso de Serviço Social da UEPB. Num primeiro momento, coletamos informações junto à coordenação do curso acerca do número de homens matriculados no ano letivo de 2011. Assim, identificamos um universo de 50 homens matriculados no curso, do qual definimos, aleatoriamente, de acordo com a disponibilidade, uma amostra de 20 alunos.

Assim sendo, o estudo consiste em uma abordagem qualitativa de caráter descritivo-analítico. Sua materialização foi possível através da aplicação de um formulário, respondidos pelos próprios alunos, composto de 22 questões fechadas e abertas que nos permitiram obter as informações necessárias ao alcance dos nossos objetivos.

A aplicação dos formulários foi realizada nos dois turnos: manhã e noite, nos dias 28, 29, 30 e 31 de agosto de 2011. Tivemos, pois, um pouco de dificuldade para encontrar os alunos, entretanto, os mesmos se dispuseram a participar da pesquisa e responder os formulários, ressaltando a grande importância da temática abordada, o que nos proporcionou grande êxito no decorrer da pesquisa.

2 GÊNESE DO SERVIÇO SOCIAL: ANTECEDENTES HISTÓRICOS

Neste tópico contextualizamos a origem do Serviço Social no mundo, inclusive na América Latina, a fim de entender a prevalência de mulheres na profissão a partir da análise de seus antecedentes.

A primeira metade do século XIX foi marcada pelo capitalismo liberal ou concorrencial. Nesta fase do capitalismo, predominava a doutrina de Adam Smith¹, segundo a qual o mercado deve ser regido pela livre concorrência, baseada na lei da oferta e da procura, sem intervenção do Estado.

A partir de meados do mesmo século, o desenvolvimento tecnológico, o surgimento de novas fontes de energia, o aperfeiçoamento dos meios de transporte e os avanços técnico-científicos possibilitaram o desenvolvimento industrial dos países capitalistas, principalmente os países europeus. Dessa forma, as pequenas e médias empresas foram substituídas pelos grandes complexos industriais, o que deu origem, na transição do século XIX para o século XX, a uma nova fase do capitalismo, a fase monopolista (NETTO, 2007).

Contudo, o desenvolvimento capitalista trouxe novos problemas sociais vinculados às novas condições de trabalho e ao aparecimento de duas classes sociais: a burguesia e o proletariado. Assim, ao passo que aumentava a produção capitalista, aumentavam também as desigualdades sociais e, conseqüentemente, a miséria da classe trabalhadora, que por sua vez,

¹ Economista e filósofo escocês, Adam Smith viveu entre os anos de 1723 e 1790, e é considerado o responsável pela teoria do liberalismo econômico. Suas principais obras são: “A riqueza das Nações” e “Teoria dos Sentimentos Morais”.

clamava por melhores condições de vida. Os protestos trabalhistas ganhavam cada dia mais força, tornando mais intensa a luta entre as duas classes sociais. Surge assim, um novo fenômeno na sociedade, a “questão social”, definida por Iamamoto (2001, p. 27) como:

O conjunto das expressões das desigualdades da sociedade capitalista madura, que tem uma raiz comum: a produção social é cada vez mais coletiva, o trabalho torna-se mais amplamente social, enquanto a apropriação dos seus frutos mantém-se privada, monopolizada por uma parte da sociedade.

Neste contexto de intensas lutas entre a burguesia e o proletariado, surge a necessidade de novas ações, bem como de novos agentes sociais, que pudessem lidar com esse novo fenômeno, que ora ameaçava o sistema capitalista. O Estado, então, passa a intervir na questão social através das políticas sociais, com o intuito de controlar os conflitos trabalhistas, bem como garantir os interesses do capital. Para isso, foi-se necessário o surgimento de diversas profissões, dentre elas, o Serviço Social.

Nesse sentido, o surgimento do Serviço Social está atrelado ao desenvolvimento do capitalismo, ou seja, a funcionalidade da profissão, em sua gênese, tendia ao fortalecimento das relações sociais capitalistas. Assim, como coloca Iamamoto (2001), o Serviço Social se inscreve na reprodução das relações sociais.

Dessa forma, em 1899 surgiu a primeira escola de Serviço Social no mundo, em Amsterdã na Holanda, como proposta de racionalização da assistência. O curso tinha caráter de formação técnica e caracterizava-se pelos fundamentos da Doutrina Social da Igreja Católica. Em outros países da Europa, o Serviço Social surge como profissão com a criação das escolas em 1908 na Alemanha e na Inglaterra e 1911 na França (CAMPAGNOLLI, 1993).

Na América Latina, o Serviço Social desponta como profissão na primeira metade do século XX, a partir de 1925, com a criação da primeira escola de Serviço Social em Santiago, no Chile, pelo médico Alejandro Del Rio (CASTRO, 2008).

O Chile, por sua vez, enfrentava um quadro de desemprego, miséria, migrações, epidemias, etc., necessitando de novos agentes sociais que pudessem trabalhar este novo fenômeno social fruto da expansão capitalista. Como afirma Castro (2008, p. 35),

Os anos vinte, no Chile, se apresentam como uma etapa histórica decisiva, marcada pela emergência de novas classes sociais sob o estímulo de relações de produção embasadas na exploração de força de trabalho assalariada, no dinamismo do precoce processo de industrialização e na penetração dos capitais norte-americanos como parte de uma estratégia geral de substituição da hegemonia inglesa e de integração das economias latino-americanas ao mercado capitalista.

Assim, a escola de Del Rio teve sua origem ligada às ações do Estado, e tinha como objetivo formar profissionais que “pudessem atender ao crescimento da intervenção estatal no campo da assistência social” (CASTRO, 2008, p. 71).

Em 1929, a segunda escola de Serviço Social criada no Chile, a Escola Elvira Matte de Cruchaga, traz os fundamentos da doutrina católica para o Serviço Social chileno, com o intuito de “organizar um Serviço Social à medida das suas próprias exigências” (CASTRO, 2008, p. 77) e assim redefinir seu papel de poder na sociedade.

Com o propósito de difundir o Serviço Social católico, a Escola Elvira Matte da Cruchaga propagou seus ideais em outros países da América Latina, o que fez com que o Serviço Social se desenvolvesse em países como Argentina, México, Colômbia e Brasil, dentre outros.

A expansão do Serviço Social nos vários países da América Latina logo se concretizou, e, como podemos perceber, a origem da profissão nesses países se dá ora vinculada à Igreja Católica, e outrora vinculada às ações do Estado. Sob este prisma, existem duas teses que procuram explicar a origem do Serviço Social como profissão, o que abordaremos a seguir.

2.1 AS TESES SOBRE A GÊNESE DO SERVIÇO SOCIAL

Analisar a origem do Serviço Social nos vários países do mundo não constitui tarefa fácil, embora alguns autores tenham tentado. No entanto, Montaño (2007) em seus estudos sobre a natureza do Serviço Social afirma existir duas teses, opostas e excludentes entre si, que explicam a origem do Serviço Social.

A primeira tese fundamenta-se numa perspectiva endogenista ou endógena, que defende a origem do Serviço Social como a “evolução, organização e profissionalização das

formas ‘anteriores’ de ajuda, da caridade e da filantropia, vinculada agora à intervenção na ‘questão social’” (MONTAÑO, 2007, p. 19-20).

Dentre os principais defensores desta tese destacam-se: Herman Kruse, Ezequiel Ander-Egg, Natálio Kisnerman, Boris Aléxis Lima, Ana Augusta de Almeida, Balbina Ottoni Vieira e José Lucena Dantas. Esses autores se fundamentam na ideia da profissionalização da caridade e da filantropia, defendendo que esta teria se desenvolvido a fim de dar respostas aos conflitos de classe.

A gênese do Serviço Social é considerada, aqui, uma evolução das formas anteriores de assistência e ajuda, sendo que o limite posto nos antecedentes, nas fontes, nos precursores que teriam levado à criação do Serviço Social, é absolutamente arbitrária (MONTAÑO, 2007, p. 29).

Para Montañó (2007, p. 29-30) esta primeira tese apresenta argumentos equivocados, pois segundo ele, a mesma

Considera um número tão vasto de “antecedentes” do Serviço Social que perde qualquer perspectiva crítica da história da profissão; não consegue explicar por que não desaparecem aquelas práticas filantrópicas e caritativas, segundo essa tese, teriam dado lugar ao [...] Serviço Social profissional; não visualizam que se dá uma ruptura do significado, da funcionalidade e da legitimação entre aquelas práticas filantrópicas, voluntaristas, e o Serviço Social, quando o assistente social aparece como um trabalhador assalariado, como um profissional [...]; com o argumento de que o surgimento da “questão social” deu lugar à gênese do Serviço Social, não se consegue explicar como há mais de um século de distância entre aquelas e este.

Assim sendo, consideramos que a tese endogenista tem alguns pontos relevantes para o surgimento do Serviço Social europeu, no entanto, não explica a gênese do Serviço Social latino-americano, tampouco, o brasileiro.

O surgimento do Serviço Social na América Latina, inclusive no Brasil, atende aos princípios da segunda tese que se opõe à anterior, a perspectiva histórico-crítica. Sobre esta segunda tese Montañó (2007, p. 30) explica que

A mesma entende o surgimento da profissão do assistente social como um produto da síntese dos projetos político-econômicos que operam no desenvolvimento histórico, onde se reproduz material e ideologicamente a fração de classe hegemônica, quando, no contexto do capitalismo na sua idade monopolista, o Estado toma para si as respostas à “questão social”.

Os principais defensores dessa tese são: José Paulo Netto, Marilda Villela Yamamoto, Vicente de Paula Faleiros, Maria Lucia Martinelli, Manuel Manrique Castro, dentre outros. Esses autores entendem que a gênese do Serviço Social, ao contrário da primeira tese, parte da emergência da questão social, fruto do capitalismo em sua fase monopolista.

As primeiras escolas de Serviço Social na América Latina surgem, portanto, a fim de controlar os conflitos de classe, como ação do Estado, embora possuam fundamentos doutrinários da Igreja Católica. Esta, por sua vez, estava interessada em recuperar áreas de influências e privilégios que havia perdido. Isso explica o fato do Serviço Social latino-americano estar ligado à Igreja desde sua gênese.

2.2 A PREVALÊNCIA DE MULHERES NOS CURSOS DE SERVIÇO SOCIAL NO BRASIL

As décadas de 20 e 30 do século XX no Brasil caracterizaram-se por um contexto de fortes crises políticas, econômicas e sociais. O capitalismo se desenvolvia, com a industrialização do país, e aumentava cada vez mais a exploração dos trabalhadores, que por sua vez, se organizavam e adquiriam força num movimento operário. A crise do comércio internacional de 1929 e o movimento de 1930 constituem fatos de grande destaque neste cenário (IAMAMOTO; CARVALHO, 1998).

Frente aos movimentos sociais, greves e manifestações operárias da época, a “questão social” fica assim, exposta à sociedade. Diante disso, a Igreja Católica reage, iniciando um movimento de divulgação do pensamento católico, com o intuito de recuperar os privilégios e áreas perdidas com o fim do Império (IAMAMOTO; CARVALHO, 1998).

O Centro Dom Vital se constituiu nesse momento como um “elemento de ligação entre a hierarquia e a opinião pública católica, no sentido de mobilizá-la enquanto movimento de opinião” (IAMAMOTO; CARVALHO, 1998, p. 144).

Outras instituições assistenciais surgidas nesse período tiveram extrema importância para o surgimento do Serviço Social no Brasil: a Associação das Senhoras Brasileiras no Rio de Janeiro e a Liga das Senhoras Católicas em São Paulo.

Em 1932, é criado o Centro de Estudos e Ação Social de São Paulo (CEAS), que se inicia oficialmente a partir do “Curso Intensivo de Formação Social para Moças”, tendo como objetivo a formação de moças para atuar junto aos problemas sociais da população, embasadas pelos fundamentos da Doutrina Social da Igreja Católica (IAMAMOTO; CARVALHO, 1998).

Em 1936 é fundada a primeira escola de Serviço Social em São Paulo e em 1937, a Escola de Serviço Social do Rio de Janeiro. O Serviço Social no Brasil, portanto, teve sua gênese ligada à Igreja Católica e ao Estado e, inicialmente, possuía uma característica assistencial e controladora, se apresentando envolvido com os interesses burgueses (IAMAMOTO; CARVALHO, 1998).

A partir da década de 40, o conservadorismo católico começou a ser tecnificado, momento em que o Serviço Social brasileiro entrou em contato com o Serviço Social norte-americano, sendo influenciado pelos ideais positivistas (YAZBEK, 2009).

Efetivamente, a reorientação da profissão, para atender às novas configurações do desenvolvimento capitalista, exige a qualificação e sistematização de seu espaço sócio-ocupacional, tendo em vista atender às requisições de um Estado que começa a implementar políticas no campo social (YASBEK, 2009, p. 4).

Assim, se deu o processo de profissionalização e institucionalização da profissão, no momento em que a implementação de políticas sociais necessitava de trabalhadores qualificados para executá-las, o que levou à legitimação do Serviço Social como profissão.

Entre meados da década de 40, mais especificadamente, em 1947 a profissão teve seu primeiro Código de Ética, o qual se destacava pelas suas características normativas e conservadoras ligadas ainda ao pensamento católico, que prevaleceu no Serviço Social durante toda a década de 50.

Nos anos 1960 o Serviço Social passou por uma crise ideológica da profissão que, em meio à repressão política da ditadura, veio questionar a sua burocratização, metodologia e prática, movimento que ficou conhecido como modernização conservadora da profissão.

É elemento constitutivo da renovação do Serviço Social a emergência, notadamente a partir da década de setenta, de elaborações teóricas referidas à profissão e de um significativo debate teórico-metodológico (NETTO, 2010, p. 129)

Assim, na década de 70, a profissão assume uma nova roupagem com a inserção de novas idéias sobre a formação e prática do Serviço Social, havendo a introdução do marxismo² e o fortalecimento do debate filosófico, o qual foi bastante criticado na década de 80, momento em que a categoria passou a integrar os movimentos sociais.

Entretanto, foi apenas na década de 90 que a vanguarda do Serviço Social rompeu com o tradicionalismo atrelado à profissão desde os primórdios, e se posicionou em favor de uma reflexão ética, da democracia e da liberdade visando à construção de uma nova sociedade contra a discriminação e exploração, ideias estas presentes no atual Código de Ética da profissão, datado de 1993.

Percebe-se, portanto, que o Serviço Social teve sua gênese ligada ao pensamento conservador da Igreja Católica, o qual perdurou na profissão durante muito tempo. Desde o início da profissão, a formação católica intitulou o Serviço Social como sendo uma profissão de cuidado das pessoas, papel este previamente definido pela sociedade como sendo feminino. Por este motivo, a profissão tem sido vista como feminina desde sua origem.

Assim sendo, as primeiras escolas de Serviço Social foram frequentadas apenas por mulheres, tendo como base o assistencialismo e a benemerência. Por esse motivo, durante muito tempo, e, até os dias atuais, houve uma prevalência de mulheres nos cursos de Serviço Social de todo o Brasil.

Lisboa (2010, p. 67) comenta esse fato, apontando que

Em seu processo histórico de consolidação no Brasil e na maioria dos países latino-americanos, o Serviço Social teve como base os princípios da doutrina social da Igreja, que imprimiram na profissão um “espírito de apostolado”, configurando-a como uma profissão a ser exercida por mulheres, como uma “vocação”, com papéis específicos definidos pela sociedade para mulheres: o cuidado, a tutela, a ajuda, que por sua vez requerem abnegação, entrega de si, ser para os outros, enfim “naturalizando” a responsabilidade da profissão como uma carreira destinada majoritariamente a mulheres.

No Estado da Paraíba não foi diferente. A primeira escola de Serviço Social foi fundada em 1952 em João Pessoa, e a segunda, em 1957 em Campina Grande (SILVEIRA, 2008).

² Nesse momento, a introdução do marxismo no Serviço Social se deu de forma enviesada, pelo fato de não se aprofundar nas fontes primárias do próprio Marx, e sim buscando aproximações através de intérpretes e comentadores do mesmo.

A cidade de Campina Grande presenciava um contexto de ascensão industrial e significativo crescimento populacional. Assim, a cidade se desenvolvia economicamente e, paralelo a isso, cresciam as desigualdades sociais, bem como o número de desempregados na cidade, fazendo transparecer as expressões da “questão social”. Nesse contexto, surge

A ideia de criação da Faculdade de Serviço Social de Campina Grande, por iniciativa da Diretoria de Educação e Cultura do Município, que tinha como diretor Edvaldo de Souza do Ó, de sua secretária Luisa Erundina Carvalho, e Irmã Elizabete Porto superiora da Congregação das Irmãs de Caridade da Sociedade São Vicente de Paula (SILVEIRA, 2008, p. 10).

A Faculdade de Serviço Social de Campina Grande começou a funcionar a partir de 1959, nas dependências do Instituto São Vicente de Paula, onde continua situada até os dias atuais. Como podemos observar, o Serviço Social da Paraíba, principalmente o de Campina Grande, teve sua gênese atrelada aos fundamentos da Igreja Católica, assim como em todo o Brasil.

Arelados a uma profissão de cuidado das pessoas (previamente definido pela sociedade como papel a ser desempenhado pelo sexo feminino), os fundamentos da doutrina católica estiveram presentes no curso de Serviço Social de Campina Grande. Por esse motivo, de sua origem até o fim da década de 70, o curso foi frequentado apenas por mulheres. Em 1979 temos registro da inserção do primeiro homem no curso (FÉRRIZ; NASCIMENTO; RODRIGUES, 2011).

No entanto, apesar da prevalência feminina que sempre esteve presente no curso de Serviço Social da UEPB, bem como de todo o Brasil, podemos constatar que há uma crescente inserção de homens no curso nos últimos anos.

Cabe situar, ainda, que esse novo fenômeno, presente em todos os cursos de Serviço Social do Brasil, tem trazido novas discussões acerca da marca feminina da profissão, criando, pois, indagações no que diz respeito aos motivos que têm levado esses homens a optarem pelo curso de Serviço Social, apesar deste ter sido concebido como um curso historicamente feminino.

3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A CATEGORIA GÊNERO

Neste tópico trazemos uma abordagem sobre as discussões de gênero relevantes para a temática abordada, com o intuito de esclarecer alguns questionamentos sobre a categoria, abordando também a masculinidade e o papel do gênero no Serviço Social.

O termo gênero começou a ser utilizado pelos estudiosos apenas no século XX, mais precisamente, no final da década de 70, momento em que ganhava força o movimento feminista (LISBOA, 2010).

Neste período, floresciam os movimentos populares de cunho estudantil, trabalhista, dentre outros. Engajadas a esses protestos, cresciam cada vez mais as reivindicações no tocante às diferenças de gênero, ganhando espaço na sociedade o movimento feminista, conceituado por Lisboa (2010, p. 69) como

Um movimento sociocultural que luta por justiça e equidade nas relações entre homens e mulheres e, sobretudo, luta para garantir os direitos humanos, principalmente o das mulheres em função do alto nível de violência e discriminação que padecem. A partir dos movimentos feministas, a abordagem sobre conflitos e violência na relação entre homens e mulheres, como resultante de uma estrutura de dominação, tornou-se pública.

A partir de então as questões de gênero passaram a ser discutidas em diferentes segmentos da população, bem como no meio acadêmico. Entretanto, o conceito de gênero, ainda hoje, costuma ser confundido e interpretado erroneamente.

Em muitos casos, ao se falar de gênero entende-se esta categoria como sendo usada unicamente, para estudos sobre as mulheres, ou até mesmo para o estudo dos sexos. Porém, embora o estudo de gênero envolva estas temáticas, este “se refere às relações entre mulheres e homens, mulheres e mulheres, homens e homens” (CAMURÇA; GOUVEIA, 1999, p. 13). Assim, os estudos de gênero estão ligados às relações sociais, construídas socialmente por homens e mulheres.

Segundo Scott (1995, p. 87) “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e uma forma primária de dar significado às relações de poder”. Dessa forma, o conceito de gênero está associado às relações vivenciadas pelos sexos, instituídas desde tempos imemoriais pela sociedade como padrões a serem seguidos.

Assim, “rigorosamente, os seres humanos nascem machos ou fêmeas. E através da educação que recebem que se tornam homens e mulheres. A identidade social é, portanto, socialmente construída” (SAFFIOTI, 1987, p. 10). Sob essa ótica, é através da educação e da cultura que é constituída a identidade social de cada indivíduo, ou seja, do homem e da mulher. Portanto, os padrões de feminilidade, bem como de masculinidade são socialmente construídos.

Na sociedade brasileira, bem como nas demais nações, é perceptível que homens e mulheres possuem papéis sociais diferentes, estes atribuídos pela sociedade e naturalizados através da cultura.

Desta forma, são inerentes às mulheres as tarefas domésticas, bem como o cuidado dos filhos. Já ao homem, atribui-se a responsabilidade de prover o sustento da família, tendo para isto que trabalhar fora. Na realidade, essas normas sociais começam antes mesmo do nascimento da criança e são estendidas até o fim da vida. Assim,

O macho é considerado o provedor das necessidades da família. Ainda que sua mulher possa trabalhar remuneradamente, contribuindo, desta forma, para o orçamento doméstico, cabe ao homem ganhar o maior salário a fim de se desincumbir de sua função de chefe. Logo, quer seja o único provedor das necessidades familiares, quer seja o principal deles, não lhe é permitido fracassar. A ideologia dominante impõe ao homem a necessidade de ter êxito econômico (SAFFIOTI, 1987, p. 24).

A sociedade, portanto, criou estereótipos ideais para cada um dos sexos, sendo considerado anormal qualquer tipo de comportamento que não tivesse de acordo com as normas culturais. Às mulheres caberia o papel de fraca, meiga, obediente, cuidadosa, etc.; e o homem teria que ser corajoso, bravo e forte.

Todavia, padrões de masculinidade foram impostos socialmente ao sexo masculino, fazendo com que as características masculinas se sobressaíssem às femininas, construindo um modelo de sociedade patriarcal, que predominou durante muito tempo. Esse modelo de masculinidade idealizado pela sociedade tornou-se, portanto, o modelo hegemônico, o que define uma relação hierárquica de poder entre os sexos. Isso explica a subordinação do sexo feminino, bem como dos outros modelos de masculinidades, como é o caso dos homossexuais.

Entretanto, profundas modificações se processaram ao longo dos anos, como por exemplo, a entrada da mulher no mercado de trabalho, e em atividades que antes eram exercidas apenas por homens, o aumento da escolaridade das mulheres, a urbanização e a

mudança do modelo familiar, agora com mais mulheres chefes de família. Daí, podemos perceber que muitos dos costumes e tradições foram sendo modificados, embora saibamos que tais costumes, ainda, são muito fortes e pesam sobre alguns pontos, como por exemplo, no caso da “divisão sexual do trabalho”³.

Há, portanto, trabalhos reconhecidos pela sociedade como sendo masculinos, pelo fato de necessitar de maior força física, como na construção civil. Porém, com a tecnologia existente nos dias atuais, sabemos que muitas destas profissões já são desenvolvidas por mulheres. O valor agregado a tais profissões chama a atenção não apenas do sexo masculino, mas do oposto também, tornando acirrada a disputa no mercado de trabalho entre homens e mulheres.

Da mesma forma, algumas profissões, até mesmo pelo desenrolar de sua origem, são taxadas como femininas, e poucos são os homens que seguem essa área, como é o caso do Serviço Social, Pedagogia e Enfermagem. Entretanto, o que temos percebido nos dias atuais é que cada vez mais tem aumentado a procura de homens por cursos predominantemente femininos. Essa inserção de homens em profissões antes vistas como femininas, se dá a partir do momento em que estas passam a ser valorizadas pela sociedade, havendo assim, uma ampliação do mercado de trabalho, como vem acontecendo atualmente com o Serviço Social no Brasil.

Como se sabe, o Serviço Social brasileiro teve sua origem ligada à Igreja Católica, o que ocasionou uma grande influência de Tomás de Aquino⁴ nos conteúdos ministrados na formação acadêmica dos primeiros assistentes sociais.

Influenciado pelo Serviço Social norte-americano, a partir da década de 40, o Serviço Social brasileiro passou a incorporar conteúdos das ciências sociais, que por sua vez, passaram a discutir questões relacionadas a gênero no meio acadêmico.

O Serviço Social, a partir da década de 90, inserido na “divisão sexual do trabalho” como profissão feminina, também passou a incorporar em seus conteúdos as questões de gênero, vistas então, como uma das expressões da questão social, objeto de trabalho do assistente social. Assim sendo,

³ Conceito originário da França, diz respeito à distribuição desigual de homens e mulheres no mercado de trabalho, bem como no âmbito doméstico.

⁴ Filósofo, teólogo e padre dominicano, o italiano Tomás de Aquino viveu no século XIII, entre os anos de 1225 e 1274. Proclamado santo pela Igreja Católica, sua filosofia é conhecida como Tomismo e se caracteriza, principalmente, pela ligação entre o aristotelismo e o cristianismo, ou seja, entre razão e fé.

A partir de 1990, o Serviço Social passa a aderir às lutas das chamadas minorias, inserindo-se nas questões relacionadas à violência contra mulheres, discriminação étnica, racial e cultural, homofobia e outras (LISBOA, 2010, p. 74).

A partir de então, as questões relacionadas a gênero passaram a ser incorporadas no âmbito acadêmico do curso de Serviço Social. Entretanto, entendemos que esse fato tardou a acontecer, visto que o curso sempre teve predominância feminina, e em seu cotidiano de intervenção sempre atendeu majoritariamente às mulheres, o que nos leva a compreender que o assistente social, desde os primórdios da profissão, esteve em contato com as mais diversas questões de gênero.

E apesar do Serviço Social ter incorporado as discussões de gênero no seu cotidiano acadêmico, é perceptível que ainda há grandes desafios a serem enfrentados no tocante à temática. Um desses desafios diz respeito ao perfil feminino que o curso de Serviço Social adquiriu, se destacando como umas das profissões mais femininas. É necessário desmistificar essa ideologia, que apesar do grande avanço que estamos presenciando, com o crescente aumento do número de homens no curso, ainda é muito forte dentro da sociedade brasileira.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO DA PESQUISA

Neste tópico, apresentamos os resultados da pesquisa e as discussões que envolvem a temática apresentada, tentando contribuir com a construção de novos conhecimentos no âmbito do Serviço Social.

Desde os primórdios do Serviço Social a prevalência de mulheres sempre permeou a profissão, o que acarretou a construção de uma marca feminina. Sabe-se, portanto, que em todo o Brasil o curso de Serviço Social foi, e continua sendo, majoritariamente frequentado por mulheres. Conseqüentemente, “o Serviço Social está entre as cinco profissões mais femininas do Brasil, desde os anos 1970 [...], sendo a mais feminina de todas a partir dos anos 1980” (SIMÕES; ZUCCO, 2010, p. 28).

Apesar do padrão de prevalência feminina no Serviço Social nas décadas de 70 e 80, há um padrão de inserção de homens na profissão a partir da década de 2000 (SIMÕES; ZUCCO, 2010). Essa inserção vem se crescendo em todo país.

Na UEPB, do total de 524 alunos matriculados no curso de Serviço Social, no ano letivo de 2011, apenas 50 são homens, ou seja, 10% do total. Mas, nem sempre foi assim. Dados de um levantamento realizado junto ao acervo dos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) entregues na Biblioteca Setorial do curso de Serviço Social da UEPB, referentes às décadas 1960 à 2000 (até o ano de 2009), mostram que esses números tiveram significativo aumento a partir da década de 2000 (FÉRRIZ; NASCIMENTO; RODRIGUES, 2011). Até então, como já foi dito anteriormente, o curso foi frequentado apenas por mulheres até o fim da década de 70.

A fim de dar continuidade e aprofundar o estudo sobre a inserção de homens no curso de Serviço Social da UEPB, e entendendo que este fato merece um maior detalhamento, realizamos uma pesquisa de abordagem qualitativa com 20 homens matriculados no curso. A partir de formulários aplicados com os alunos do curso de Serviço Social da UEPB, obtivemos embasamento para explanar o perfil desses alunos, bem como obter respostas para questionamentos no tocante a esta temática.

Com o intuito de facilitar nossa análise, apresentaremos uma divisão em cinco eixos, que compreenderão: 1) o perfil dos sujeitos da pesquisa; 2) os motivos que nortearam a escolha do curso; 3) as discriminações e preconceitos sofridos por eles; 4) as dificuldades e avanços da formação profissional; e, 5) as perspectivas profissionais.

Os alunos que participaram da pesquisa serão identificados aqui por uma sequência numérica: participante 1 à 20, a fim de preservar o anonimato dos alunos e o sigilo das informações, como preconiza a Resolução 196/1996 do Conselho Nacional de Saúde que versa sobre a ética nas pesquisas que envolvem seres humanos.

4.1 PERFIL DOS SUJEITOS DA PESQUISA

De acordo com os dados obtidos na pesquisa, quanto ao perfil dos alunos podemos perceber que estes, em sua maioria, têm idade entre 20 e 25 anos, representando um total de 50% dos participantes. O que deixa claro que os homens que cursam Serviço Social na UEPB estão inseridos majoritariamente, numa faixa etária jovem. Apenas 35% deles estão entre 26 e 30 anos, e 15% entre 31 e 40 anos de idade. Além de jovens, os dados apontam também que um total de 75% dos participantes da pesquisa são solteiros e 25% casados.

No que diz respeito ao local de origem dos participantes, podemos observar na tabela 1 que os alunos são, em grande parte, da cidade de Campina Grande, representando um total de 70%. Apenas 30% deles residem em outras cidades da Paraíba, e nenhum participante afirmou ser de outro estado do Brasil. Um aspecto interessante de se observar é que, principalmente no turno da noite, o curso de Serviço Social da UEPB tem um grande número de alunos que residem em outras cidades, no entanto, os dados da pesquisa nos revelam que, no tocante aos homens, esses números são relativamente baixos, visto que a maioria deles são da cidade de Campina Grande.

Tabela 1 - Cidade de origem dos alunos

Cidade de origem	Número de alunos	Percentual (%)
Campina Grande	14	70%
Outras cidades da Paraíba	6	30%
Outros Estados	0	0%
Total	20	100%

Fonte: Dados da pesquisa (2011)

O perfil dos alunos, ora analisado, mostra também que 60% desses homens inseridos no Serviço Social trabalham. Esse dado vem complementar a ideia de que “grande parte dos homens que cursam Serviço Social, o fazem a fim de buscar um aumento de sua renda, através de outras fontes, não tendo como principal o trabalho como assistente social” (SIMÕES; ZUCCO, 2010, p. 33). Assim sendo, cabe ressaltar aqui, que, do total de alunos que trabalham, 70% destes recebem em média um salário mínimo, 25% recebem acima de um salário mínimo, e 5% recebem menos de um salário mínimo por mês. Quanto às horas trabalhadas, 65% dos alunos afirmam trabalhar em média 8 horas por dia. Os outros 35% trabalham mais de 8 horas por dia.

Quantitativamente, temos um percentual bem menor de alunos no turno da manhã, sendo que 75% dos participantes da pesquisa encontram-se matriculados no turno da noite, e apenas 25% no turno da manhã. Isso se deve ao fato da maioria dos alunos trabalharem durante o dia, como já foi exposto anteriormente, sendo assim, o turno da noite é tido como preferencial para estes.

Outro dado relevante, demonstrado através desta pesquisa, consiste no fato de que 70% dos alunos já fizeram dois ou mais vestibulares antes de ingressar no curso de Serviço Social. Dentre os cursos citados pelos participantes, podemos perceber que há um grande interesse pelos cursos de História, Administração e Direito, representando um percentual de 25%, 20% e 10%, respectivamente. Os outros 45% representam o interesse por outros cursos

como Comunicação Social, Letras, Pedagogia, Geografia, Economia, Informática, Desenho Industrial e Engenharia Civil. Nota-se, pois, que 90% dos alunos têm interesse em cursos na área de humanas.

Entretanto, apesar de demonstrarem interesse por esses cursos, apenas 25% dos alunos cursam ou já cursaram algum outro curso superior, e 75% nunca cursaram outro curso além de Serviço Social.

Interrogados sobre as temáticas que mais se identificam dentro do curso de Serviço Social, 60% mostraram interesse pelas políticas sociais e assistência. Também houve grande interesse na área da saúde (área de grande abrangência de assistentes sociais nos últimos anos), revelando um percentual de 30% dos alunos. Temáticas como a educação, criança e adolescente, gênero, idosos, previdência e direito também foram citadas se constituindo em 10% dos discursos dos alunos participantes da pesquisa. Vale salientar, que apenas um aluno se mostrou interessado na temática de gênero e identidade.

No tocante aos grupos de pesquisa e extensão⁵ desenvolvidos pela universidade, 70% dos alunos revelaram não participar, e apenas 30% disseram participar ou já ter participado de algum desses grupos. Dos que participam ou já participaram dos grupos, apenas um aluno informou ter desenvolvido pesquisa ou extensão.

Nesse sentido, se confirma uma fragilidade da universidade em disseminar a pesquisa e a extensão como parte fundamental da formação dos alunos, uma vez que a universidade se sustenta a partir do tripé ensino-pesquisa-extensão. Apesar de significativos avanços nos últimos anos, no que se refere à pesquisa no Departamento de Serviço Social, com a criação de grupos de pesquisa que estão desenvolvendo suas atividades em áreas variadas, a pesquisa, ainda, continua sendo privilégio de poucos alunos.

Quando interrogados sobre os eventuais motivos de não estarem participando dos grupos de pesquisa, as respostas encontradas foram apenas duas: a falta de tempo, ocasionada pelo trabalho; e a indisponibilidade de grupos de pesquisa dentro da universidade, ou seja, poucos grupos de pesquisa e/ou extensão. Vale salientar que as atividades dos grupos de pesquisa, são realizadas, em sua maioria, durante o dia, o que inviabiliza a participação dos alunos que trabalham e por isso, só podem frequentar a universidade no turno da noite.

⁵ Os grupos de pesquisa vinculados ao Departamento de Serviço Social são: o Grupo FLOR, que discute a temática de gênero, o primeiro grupo a ser criado no departamento; o GEAPS (Grupo de Estudos, Pesquisa e Assessoria em Políticas Sociais); o GETRAPS (Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Trabalho e Proteção Social); o NUPEPS (Núcleo de Estudo em Práticas Sociais); o NUPECIJ (Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão Comunitária Infanto-Juvenil); e o Grupo de Estudos Rurais.

Desvelado o perfil dos homens que cursam Serviço Social na UEPB, nossa análise agora tende a mostrar os motivos que têm levado esses homens ao curso de Serviço Social.

4.2 MOTIVOS DA CRESCENTE INSERÇÃO DE HOMENS NO CURSO DE SERVIÇO SOCIAL DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

É fato que há um significativo aumento de homens cursando Serviço Social na UEPB, porém o que tem despertado a curiosidade de muitos, inclusive a nossa, são os motivos que têm levado esses homens a optarem pelo curso de Serviço Social, tendo em vista o caráter feminino que o mesmo carrega durante décadas.

Ao abordarmos esta temática com os alunos através do formulário, observamos que os motivos citados foram vários, no entanto, podemos constatar na fala da maioria, o discurso do mercado de trabalho crescente na área de Serviço Social. Nesse sentido, 80% dos alunos responderam que dentre os motivos que nortearam sua escolha pelo curso de Serviço Social, o principal deles é o amplo mercado de trabalho do assistente social.

Somados a esse motivo primordial, muitos dos alunos demonstraram interesse em trabalhar com o ser humano, bem como a afinidade com a área de humanas, e alguns destacaram ter escolhido o curso por influência de terceiros. Apenas 20% dos alunos não expressaram, em suas falas, a importância de atuar pela existência de uma diversidade de espaços sócio-ocupacionais que o profissional poderá atuar. Um dos participantes da pesquisa destaca que *“a profissão tem uma boa oportunidade de emprego e um campo de trabalho bastante promissor”* (Participante 7, 23 anos).

Com a evolução das políticas sociais, principalmente, nos últimos cinco anos, o mercado de trabalho do assistente social tem sido ampliado, o que fez com que o curso de Serviço Social fosse bastante disputado nos vestibulares de todo o Brasil, inclusive na UEPB. Somando-se aos cursos de Serviço Social à distância, o contingente profissional chegou a dobrar nos últimos anos (IAMAMOTO, 2008, p. 440). Assim,

O crescimento exponencial do contingente profissional, a curto prazo, traz sérias implicações para o exercício profissional e para as relações de trabalho e condições salariais por meio das quais ele se realiza. Pode-se antever um crescimento acelerado do desemprego nessa área, pois dificilmente a oferta de postos de trabalho poderá acompanhar, no mesmo ritmo, o crescimento do contingente profissional, pressionando o piso salarial, a precarização das condições de trabalho e aumentando a insegurança do trabalho. A hipótese que se pode aventar é que o crescimento do contingente profissional, ao tempo em que eleva a lucratividade nos negócios educacionais -, um curso barato, voltado predominantemente ao público feminino -, poderá desdobrar-se na criação de um exército assistencial de reserva (IAMAMOTO, 2008, p. 440).

Todavia, ao passo que crescem as oportunidades de emprego para os assistentes sociais, cresce também, a quantidade de cursos de Serviço Social (presencial e à distância). Em consequência disso, o número de assistentes sociais aumenta cada vez mais, podendo vir a configurar um quadro de desemprego para os profissionais.

Podemos então, associar o fato da crescente inserção de homens no curso de Serviço Social da UEPB à ampliação do mercado de trabalho do assistente social. Assim, quando uma determinada profissão agrega valor, esta passa a ser vista não mais como feminina, chamando a atenção de todos, inclusive os homens.

Entretanto, pelo fato de serem minoria no curso, os homens podem estar sujeitos a discriminações e preconceitos, e a forma como estes lidam com essa situação constitui uma problemática, até então, desconhecida. Sobre isso, discorreremos no tópico a seguir.

4.3 DISCRIMINAÇÕES E PRECONCEITOS: SERVIÇO SOCIAL É CURSO PARA HOMENS?

Cada vez mais aumenta a procura de homens por profissões femininas, e vice-versa, contrariando os padrões de masculinidade e feminilidade construídos historicamente pela sociedade. Acreditamos, assim, que os novos tempos trouxeram novas visões de mundo, e que estamos presenciando mudanças significativas de mentalidade no tocante à equidade de gênero. Mas, na realidade, quando isso acontece, a pequena minoria que foge dos padrões da sociedade acaba por sofrer preconceitos.

Por estarem inseridos numa profissão predominantemente feminina, historicamente constituída por mulheres, os homens que cursam Serviço Social na UEPB, bem como nas outras universidades do Brasil, estão sujeitos a sofrer preconceitos pela sociedade em geral.

Diante disso, indagados sobre possíveis discriminações sofridas por eles pelo fato de cursar Serviço Social, 60% dos alunos revelaram que nunca passaram por nenhum tipo de discriminação ou preconceito. Os 40% que afirmaram sofrer discriminação, foram unânimes em dizer que os preconceitos partiram dos amigos e da sociedade em geral. Destacaram, ainda, que não tiveram nenhum problema desse tipo dentro da universidade, tampouco com familiares. Um dos participantes da pesquisa assim se expressou:

[...] quando me perguntam que curso estou fazendo e respondo Serviço Social, eu percebo um certo desprezo nas pessoas, um olhar de indiferença. Mas isso não me abala, estou certo daquilo que quero (Participante 3, 33 anos).

Quanto à aceitação dos alunos dentro da universidade (sala de aula, grupos de estudo/pesquisa/extensão, campo de estágio, etc.), 75% informaram ter sido muito boa. Alguns alunos revelaram ter sido regular e ruim, constituindo 15% e 10%, respectivamente.

Indagamos, então, como se sentiam esses alunos dentro de um curso de predominância feminina. A maioria, 40% dos alunos, responderam que se sentem muito bem e não têm nenhum problema com isso. Embora já tenham sofrido algum tipo de preconceito, 35% se sentem indiferentes a esse tipo de problema; 15% sentiram-se constrangidos no início, porém, agora já sabem lidar muito bem com a situação; e apenas 5% consideram o fato estranho e não se identificam com o curso.

Sobre essa questão, um aluno destaca:

Inicialmente senti um pouco de ressentimento, ou coisa do tipo, mas com o tempo me acostumei e já sei lidar com o preconceito, de forma que isso não me incomoda mais [...] Hoje eu percebo que causei um ar de surpresa nas pessoas, mas encaro positivamente (Participante 8, 22 anos).

Como podemos notar no discurso do aluno, existe um preconceito com os homens que cursam Serviço Social, embora nem todos tenham sido expostos a tais discriminações. Mas, o que identificamos nas respostas dos alunos é que, mesmo sendo alvo de críticas, os mesmos se mostram indiferentes a tais discriminações e sabem lidar muito bem com essa situação.

4.4 A FORMAÇÃO PROFISSIONAL: DIFICULDADES E AVANÇOS

Quando interrogados sobre as dificuldades que têm enfrentado no decorrer do curso, os alunos apontaram muitas problemáticas. Dentre elas, um percentual de 35% dos alunos indicaram a carência na formação prática, somados a não participação em grupos de pesquisa e extensão. Segundo eles, o curso oferece poucas oportunidades, além do estágio curricular, para que o aluno possa ter contato com a prática da profissão. Diante disso, um aluno se posiciona afirmando que *“uma das principais dificuldades do curso de Serviço Social para mim, é a ausência de aulas práticas”* (Participante 5, 24 anos).

Esse aspecto apontado pelos alunos é um ponto que fortalece o caráter contraditório da profissão, pois aparece com uma carga teórica no âmbito da formação, mas no âmbito da prática exige um profissional interventivo.

Outra dificuldade também assinalada, por 25% dos alunos, foi a falta de tempo para estudar, por ter que conciliar trabalho e estudo. Assim, grande parte dos alunos trabalha durante o dia e estudam à noite. Por esse motivo, a falta de tempo se constitui como uma dificuldade para muitos alunos. Assim, *“as dificuldades estão diretamente ligadas à falta de tempo para as leituras necessárias”* (Participante 14, 29 anos).

A falta de estrutura do campus também foi citada por 20% dos alunos como dificuldade enfrentada. Para eles *“o campus não tem muita estrutura física, e isso, muitas vezes, dificulta o processo de formação”* (Participante 8, 22 anos).

Em relação às dificuldades no decorrer do curso pela prevalência feminina, apenas 10% dos alunos discutiram esse ponto, confirmando a não identificação com o curso por esse fator determinante. Em 10% das respostas obtidas observamos a dificuldade pelo fato de residir em outros municípios e, assim, não poder participar de eventos como mini-cursos, encontros, etc.

Observamos, portanto, que as dificuldades apontadas são muitas, destacando-se problemáticas importantíssimas que merecem ser trabalhadas. No entanto, ao serem questionados sobre os pontos positivos da formação (avanços), os alunos foram unânimes em concordar que o curso oferece ótimos docentes, e alguns alunos acrescentaram a este fator a identificação com as temáticas abordadas dentro do curso.

Ademais, “o perfil dos professores é de caráter bastante humanístico, além de ser muito competentes, isso ajuda bastante no processo de formação” (Participante 10, 23 anos). Fica claro, assim, que de acordo com os alunos participantes, o ponto positivo de maior destaque dentro do curso de Serviço Social da UEPB é o perfil profissional do corpo docente que a instituição dispõe.

4.5 PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Concluindo os eixos de análise de nossa pesquisa, procuramos desvelar as aspirações e/ou perspectivas profissionais dos alunos. Como mostra a tabela 2, 90% dos alunos pretendem dar continuidade aos estudos na área de Serviço Social, através de cursos de especialização, mestrado, doutorado, etc., e somente 10% dos alunos não pretendem dar continuidade aos estudos, e até pensam em desistir do curso.

Tabela 2 – Sobre a continuidade aos estudos na área de Serviço Social

Continuidade aos Estudos	Número de alunos	Percentual (%)
Sim	18	90%
Não	2	10%
Total	20	100%

Fonte: Dados da pesquisa (2011)

Ao serem questionados sobre suas perspectivas profissionais, 50% dos alunos disseram que se sentem preparados para atuar como assistente social, e pretendem seguir a profissão ao concluírem o curso. Demonstraram bastante interesse em seguir a carreira de assistente social.

Alguns se mostraram indecisos, revelando que não se sentem preparados no momento, porém estão gostando do curso; e outros foram claros em dizer que não pretendem atuar como assistentes sociais, caso cheguem a concluir o curso, apresentando um percentual de 25% cada grupo.

Assim, podemos dizer que a maioria dos homens que cursa Serviço Social na UEPB, acredita no futuro promissor que o curso poderá lhes oferecer e pretende dar continuidade aos estudos, apostando na carreira de assistente social. Acreditamos, portanto, que o número de homens cursando Serviço Social tende a aumentar nos próximos anos, o que poderá configurar a desmistificação da ideologia de um Serviço Social feminino.

5 APROXIMAÇÕES CONCLUSIVAS

Por sua origem ligada à Igreja Católica e às ações de caridade e benemerência, o curso de Serviço Social da UEPB, assim como em todo o Brasil, configura-se como uma profissão para mulheres, estando no rol das profissões mais femininas. No entanto, temos observado que a partir da década de 2000 há um crescente aumento de homens cursando Serviço Social na UEPB.

De acordo com os dados da pesquisa, o perfil dos homens que cursam Serviço Social na UEPB é bastante jovem, em sua maioria residem na cidade de Campina Grande e estão matriculados no turno da noite, fato que contribui para a situação dos que se encontram trabalhando.

Observamos a partir dos formulários, que o principal motivo que têm levado esses homens a optarem pelo curso de Serviço Social tem sido a ampliação do mercado de trabalho do assistente social nos últimos anos. Dessa forma, tem crescido não apenas o número de homens na universidade, mas também a procura por cursos de Serviço Social em todo o Brasil.

Por ser um curso, historicamente, feminino, e assim haver uma prevalência de mulheres, os homens que estão inseridos no curso de Serviço Social da UEPB, estão sujeitos a sofrer preconceitos e discriminações, visto que são minoria e de certa forma, contrariam um padrão estabelecido pela sociedade. Quanto a isso, podemos relatar que a maioria dos alunos participantes da pesquisa, afirmaram não ter nenhum tipo de problema desse porte. E os poucos alunos que confirmaram a existência de preconceitos e discriminações, disseram ter sido por amigos e pela sociedade em geral. Assim, fica claro que o preconceito para com os alunos existe fora da universidade, e em suma, partem da sociedade ainda despreparada para lidar com situações novas. No âmbito acadêmico, a aceitação desses homens se dá da melhor maneira possível, de acordo com os próprios alunos.

De toda forma, apesar dos preconceitos e discriminações vivenciadas por alguns alunos, e mesmo estando engajados numa carreira profissional de prevalência feminina, os alunos pretendem dar continuidade aos estudos na área de Serviço Social, e acreditam que essa ideologia da profissão feminina tende a ser desmistificada.

No entanto, nós, assistentes sociais, aptos a lidar com as expressões da "questão social", encontramos-nos diante de uma questão de grande relevância: trabalhar as questões de gênero. Tais questões estão expressas não apenas no âmbito profissional, mas se encontram

presentes desde a formação acadêmica. É necessário que os docentes e discentes estejam cientes da problemática ora abordada, para que novos estudos sejam realizados, a fim de contribuir para a desmistificação do caráter feminino da profissão.

REFERÊNCIAS

CAMPAGNOLLI, Sandra Regina de Abreu Pires. **Desvendando uma relação complexa: o serviço social e seu instrumental técnico**. Dissertação (Mestrado em Serviço Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1993.

CAMURÇA, Sílvia; GOUVEIA, Taciana. **O que é gênero**. Recife, 1999. (Cadernos SOS CORPO).

CASTRO, Manuel Manrique. **História do serviço social na América Latina**. São Paulo: Cortez, 2008.

FÉRRIZ, Adriana Freire Pereira; NASCIMENTO, Dayse Cristina Nunes do; RODRIGUES, Neyde Jussara Gomes Abdala. Gênero e serviço social: a prevalência da mulher nas cinco décadas de existência do curso de serviço social da Universidade Estadual da Paraíba. In: SEMINÁRIO NACIONAL GÊNERO E PRÁTICAS CULTURAIS: OLHARES DIVERSOS SOBRE A DIFERENÇA, 3., 2011. João Pessoa. **Anais...** João Pessoa, 2011.

IAMAMOTO, Marilda Villela. **O serviço social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional**. São Paulo: Cortez, 2001.

IAMAMOTO, Marilda Villela. **Serviço social em tempo de capital fetiche: capital financeiro, trabalho e questão social**. São Paulo: Cortez, 2008.

IAMAMOTO, Marilda Villela; CARVALHO, Raul de. **Relações sociais e serviço social no Brasil: esboço de uma interpretação histórico-metodológica**. São Paulo: Cortez, 1998.

LISBOA, Teresa Kleba. Gênero, feminismo e serviço social: encontros e desencontros ao longo da história da profissão. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 13, n. 1, 2010.

MONTAÑO, Carlos. **A natureza do serviço social: um ensaio sobre sua gênese, a “especificidade” e sua reprodução**. São Paulo: Cortez, 2007.

NETTO, José Paulo. **Capitalismo monopolista e serviço social**. São Paulo: Cortez, 2007.

NETTO, José Paulo. **Ditadura e serviço social: uma análise do serviço social no Brasil pós-64**. São Paulo: Cortez, 2010.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez. 1995.

SILVEIRA, Sandra Amélia Sampaio. **Resgate histórico do curso de serviço social no município de Campina Grande: surgimento e desenvolvimento até sua inserção no âmbito**

universitário. Relatório de Iniciação Científica. Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande, 2008.

SIMÕES, Pedro; ZUCCO, Luciana. Homens no serviço social: primeiras impressões. **Revista Libertas**, Juiz de Fora, v. 10, n. 1, jan/jun. 2010.

YAZBEK, Maria Carmelita. **Os fundamentos do serviço social na contemporaneidade.**

Texto escrito para o curso de especialização lato sensu. Disponível em:

www.pucsp.br/pos/ssocial/professor/yazbek_fundamentos.doc. CFESS/ABEPSS. 2009.